



Olimpíulas

Miriam Jeske/COB



Boa sorte, Barcha!

O carioca radicado em Brasília Stephan Barcha é um dos cavaleiros do Brasil no salto individual no hipismo, hoje, às 9h, em Paris. Além dele, Rodrigo Pessoa e Yuri Mansur iniciarão a corrida por medalhas.

Micale e os Faraós

Técnico do Brasil na conquista do primeiro ouro no futebol nos Jogos do Rio-2016, Rogério Micale pode alcançar a segunda final pessoal se o Egito superar a anfitriã França na semifinal de hoje, às 16h.

AFP



Vôlei masculino em ação

A Seleção masculina de vôlei entra em quadra hoje, às 16h, contra os Estados Unidos, pelas quartas de final. Se perder, o time de Bernardinho dará adeus ao sonho de pódio em Paris-2024.

Meninas do Zé dão show

A Seleção feminina de vôlei continua impossível. Ontem, as meninas do Zé derrotaram a Polônia por 3 sets a 0 e terá a República Dominicana pela frente nas quartas, amanhã, às 8h.

1ª

MEDALHA

A atleta camaronesa Cindy Ngamba deu ao Time de Refugiados a primeira medalha na história dos Jogos. Ela foi bronze no boxe até 75kg.

Wander Roberto/COB



Tiro com arco eliminado

Em uma prova de alto nível, o líder do ranking mundial, Marcus D'Almeida, se despediu da Olimpíada de Paris-2024 ao ser eliminado pelo sul-coreano Kim Woojin nas oitavas de final do tiro com arco.

Caloura nos Jogos, assentada do MST sofre contusão na disputa por medalha, mas reverencia esforço do pai

Final frustrada por lesão

VICTOR PARRINI
Enviado especial

Paris — Nem só de resultados e conquistas vivem Jogos Olímpicos e atletas. É necessário humanizar o evento mais nobre do esporte. E Valdileia Martins, aos 34 anos, reforça o pedido. Embora não tenha conquistado medalha após a disputa da final do salto em altura ontem, no Stade France, ela candidata-se a campeã pela história de vida.

A trajetória de Valdileia Martins está diretamente ligada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Foi em um assentamento que a paranaense de Queriência do Norte nasceu, foi criada e iniciou no esporte. Um dos primeiros contatos, justamente no salto em altura.

Naquela época, não havia o conforto da "aterrissagem" disponível hoje em grandes competições. O pai, Israel Martins, enchia sacos de milho com palhas de arroz que sobravam de uma fábrica próxima para usar como "colchões" e utilizava varas de pesca como sarrafos no trabalho com os protótipos de atletas de Pontal do Tigre.

O improviso de Israel Martins deu resultado com a final da filha na primeira participação em Jogos Olímpicos. O pai de Valdileia morreu em 29 de julho, aos 74 anos, vítima de infarto fulminante. A atleta sentiu a perda, mas foi encorajada pela família a competir em memória do maior incentivador. Segundo o MST, Valdileia foge dos holofotes. Nem mesmo os treinadores dela nos últimos 16 anos conheciam as origens da atleta em um assentamento no Paraná.

Não bastasse a perda do pai, Valdileia teve de lidar com problema físico durante a jornada

Abelardo Mendes Jr./@abelardomendesjr



"Eu não imaginava que seria acolhida. A minha história contada e que as pessoas me abraçariam desse jeito. Imaginava que a Paris seria uma simples vinda"

Valdileia Martins,
finalista do salto em altura

nos Jogos Olímpicos de Paris. Na última sexta-feira, durante a classificatória, sofreu lesão no tornozelo esquerdo ao tentar saltar 1,95m, porém se classificou com a marca anterior (1,92m). A

projeção da paranaense igualou o recorde brasileiro de Orlane Maria dos Santos, em 1989. O melhor desempenho pessoal havia sido 1,90m.

Durante a final, Valdileia

abriu mão do primeiro salto. A prova começou com 1,86m, mas, antes do impulso, sentiu novamente o tornozelo e comprovou a participação no sacrifício. A brasileira logo se sentou, vestiu a

roupa de aquecimento e deixou a pista de atletismo do Stade de France mancando.

Dever cumprido

Valdileia deixará Paris com a sensação de dever cumprido. "Igualei o recorde brasileiro e fui para a final olímpica. É algo que eu queria, treinei para isso, não cheguei por acaso. As pessoas que estavam comigo no dia a dia sabiam das minhas condições físicas e mental. É preciso estar muito bem mentalmente para chegar na Olimpíada e conseguir fazer o melhor sem ter feito o melhor."

Durante a entrevista após a decisão, a paranaense compartilhou a surpresa com a viralização da história de vida dela, publicada primeiro pelo blog Olhar Olímpico no UOL. "Saí de um assentamento, fui para a cidade e fiquei longe da família. Saí de casa de 14 para 15 anos. Para a minha cidade, é algo único uma pessoa na Olimpíada. É gratificante participar e acho que foi maior do que eu imaginava. O que fiz, nunca imaginei que teria repercussão tão grande. Até os seguidores, vi que ganhei muitos. Eu não imaginava que seria acolhida. A minha história contada e que as pessoas me abraçariam desse jeito. Imaginava que a Paris seria uma simples vinda", conta.

Valdileia quis exaltar o papel do pai na trajetória de vida e no esporte. "Falei para as minhas irmãs no ano passado que ele não estava bem e que não o teríamos no Natal. Eu não imaginava que seria agora, mas sabia que ele iria partir. Ele fez o papel de homem, pessoa de caráter e cumpriu o papel dele. É a vida. Precisamos aproveitar as pessoas em vida. Ontem (sábado), chorei à noite, pois após todas as conquistas, eu saía da pista e olhava para o meu pai. Agora, tenho de viver sem ele", lamentou.

A grande família Portilho

PEDRO IBARRA



Aponte a câmera do celular para o QR Code e veja o vídeo da matéria com a família da brasileira

outra em pé no sofá. Todo mundo chorando desde o momento em que ela fez o gol", afirma a advogada e irmã mais velha, Grazielle.

Todas sonhavam com a classificação. O Brasil vinha de um desempenho fraco na fase de grupos e enfrentou uma França empurrada pela torcida. "A gente tinha o sonho de vê-la disputar a medalha. Agora, não esperava que elas iam passar para a semifinal com o placar 1 x 0 e o gol ainda ser dela. Quando aconteceu, todo mundo chorou", lembra Grazielle.

Os quase 19 minutos de acréscimo ao tempo regulamentar irritaram os brasileiros e quase enlouqueceram a família de Gabi. "Eu não aguentava mais. Quando acabaram os 16 minutos de acréscimo e o jogo continuou, achei que teria um treco", brinca Geovana. "A gente começou a gritar para o jogo acabar, minha mãe começou a falar barbaridades no meio da loja (risos)", diverte-se Mariana. "Eu tinha certeza de que aquela árbitra

aumentaria os minutos até a França empatar", completa Verônica.

Quando o resultado positivo para o Brasil se sacramentou, a ficha caiu: o gol saiu dos pés de Gabi, mas reverberou no Brasil inteiro. "A importância desse gol não foi só para a gente, foi para toda menina que está jogando futebol na rua como ela fazia. Ela está representando todas essas meninas que estão lutando por um espaço em um esporte predominantemente masculino", desabafa Grazielle.

As cinco mulheres sabiam que Gabi chutou cara a cara com tanta frieza porque é da personalidade dela a tranquilidade. "Em dia de desempenho fraco na fase de grupos e enfrentou uma França empurrada pela torcida. "A gente tinha o sonho de vê-la disputar a medalha. Agora, não esperava que elas iam passar para a semifinal com o placar 1 x 0 e o gol ainda ser dela. Quando aconteceu, todo mundo chorou", lembra Grazielle.

ra mim que tudo viria na hora certa. Vê-la brilhando depois de tudo que passou é uma emoção que não cabe no peito", complementa a mãe.

Levada e espoleta

A tranquilidade de Gabi Portilho precisava de um escape para a energia na infância. "Calminha só nesse sentido. Quando ela era pequena, não parava um minuto", diz a mãe.

Khalil Santos/CB/DA Press



Irmãs de Gabi Portilho: amor no coração e na camisa personalizada

Verônica lembra dela jogando bola onde chegava. "No começo eu não gostava, porque ela ia para o meio da rua jogar bola com um monte de menino. Até então, eu não imaginava que ela ia chegar nisso tudo", adiciona. "A família inteira tomou bola", brinca Grazielle.

A energia também se revertia em coragem, seja para fazer loucuras na bicicleta na época em que a família morou no P Norte, em Ceilândia, ou seja para sair de casa em direção a Joinville para viver do próprio sonho aos 15 anos. "Ela saiu de Brasília para ganhar R\$ 200 para ajudar a gente e olha só onde ela chegou", recorda Verônica.

O senso de responsabilidade sempre foi grande e a união com a família era o que movia Gabi. "Ela e a Grazi sempre cuidaram da gente enquanto minha mãe trabalhava. Tudo que vivemos com ela foi muito importante, desde as dificuldades às conquistas", diz Geovana.

O caminho não foi fácil, houve quem ajudasse. Desde o professor Leomir, que arranjou uma bolsa de estudos em um colégio da Asa Sul, até a ajuda do padraсто Leonardo, que morreu há 15 anos levando e buscando de bicicleta do P Norte para treinar em Ceilândia Sul. "Tenho certeza de que o padraсто dela está assistindo o que ela tem feito de onde quer que ele esteja", diz a irmã mais velha.

O esforço coletivo tem sido retribuído por Gabi. Ela comprou a casa em que a família mora. Ele voltaram ao bairro após morar de aluguel em Ceilândia. Dentro de campo, Portilho exerce um papel que dinheiro nenhum paga. "Ter uma irmã que faz o esporte em alto nível é muito emocionante. Eu a tenho como exemplo todos os dias", diz Melissa. As aos 15 anos, a caçula sonha em jogar basquete profissionalmente.

Time Brasil em ação hoje

Atletismo	Ginástica artística
5h05 Alisson dos Santos 400m com barreiras	7h36 Rebeca Andrade Final. Trave de equilíbrio
5h40 Juliana Campos Salto com vara	9h20 Rebeca Andrade Final. Solo
6h55 Tiffani Marinho 400m rasos	Hipismo
7h50 Ana Carolina Azevedo 200m rasos	9h Rodrigo Pessoa, Stephan Barcha e Yuri Mansur Saltos individual
14h55 Renan Gallina 200m rasos	Saltos ornamentais
	5h Ingrid Oliveira

Plataforma 10m	Vela	Vôlei de praia
Surfe	7h Gabriella Kidd	16h Ana Patrícia/Duda
14h36 Gabriel Medida Semifinal	7h Bruno Lobo	
15h48 Tatiana Weston-Webb	7h Samuel Albrecht e Gabi Nicolino	
	7h Bruno Fontes	
Tênis de mesa	7h Isabel Swan e Henrique Haddad	
10h Brasil x Portugal Equipes masculino		
15h Brasil x Coreia do Sul Equipes feminino	Vôlei masculino	
	16h EUA x Brasil Quartas de final	

COBERTURA ESPECIAL
correio braziliense.com.br/olimpiadas-paris

ONDE ASSISTIR
Globo, SporTV e Cazé TV

Quadro de Medalhas

País	Ouro	Prata	Bronze	Total
1. Estados Unidos	19	26	26	71
2. China	19	15	11	45
3. França	12	14	18	44
4. Austrália	12	11	8	31
5. Grã-Bretanha	10	12	15	37
6. Coreia do Sul	10	7	7	24
7. Japão	9	5	10	24
8. Itália	7	10	5	22
9. Holanda	6	5	4	15
10. Alemanha	5	5	2	12
24. Brasil	1	4	5	10